

**CRIANÇAS,  
FAMÍLIAS  
E TECNOLOGIAS.  
QUE DESAFIOS?  
QUE CAMINHOS?**

COORDENAÇÃO |  
RITA BRITO E PATRÍCIA DIAS

ANO | YEAR  
**2019.**

**CI  
ED.**

## **E-FAMÍLIAS: O IMPACTO DAS TIC NA VIDA CONTEMPORÂNEA DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS**

Joana Carvalho

FPCEUC - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra

joanasofiacarvalho@gmail.com

Rita Francisco

Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Palma de Cima

1649-023 Lisboa

ritafrancisco@fch.lisboa.ucp.pt

Ana P. Relvas

FPCEUC - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra

aprelvas@fpce.uc.pt

## **Resumo**

Hoje, as crianças nascem rodeadas de tecnologia e utilizam-na, diariamente, acedendo ao mundo com a ponta dos dedos. Mas se por um lado as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são uma janela de oportunidades, por outro expõem crianças e famílias a uma multiplicidade de riscos. Para avaliar o impacto das TIC no contexto familiar, 179 indivíduos (23-47 anos) pertencentes a famílias com filhos até aos oito anos, responderam a um questionário sobre a utilização das TIC (QUTIC) e sobre o funcionamento familiar (SCORE-15). Os resultados revelaram que as TIC são sobretudo utilizadas para contactar com familiares distantes (91%), porém, discussões sobre o tempo despendido com as TIC (67%) e falta de limites entre a vida familiar e profissional/escolar (47%) foram os maiores problemas evidenciados. Estes problemas acarretam dificuldades na interação dos membros das famílias, sobretudo ao nível da dimensão dos recursos familiares, isto é, das capacidades da família para gerir problemas quotidianos e adaptar-se a mudanças ( $r = .360, p < .01$ ). O presente estudo permitiu conhecer o tipo de utilização das TIC realizado pelos participantes, as suas perceções sobre o impacto das TIC nas dinâmicas familiares, bem como compreender melhor a complexidade destas relações.

**Palavras chave:** Tecnologias de informação e comunicação; Funcionamento familiar; Família com filhos até 8 anos.

## ***Introdução***

Ao longo das últimas duas décadas, as tecnologias de informação e comunicação (TIC), que incluem plataformas de hardware e software adaptáveis e interoperáveis (Bacigalupe & Lambe, 2011), difundiram-se pela sociedade e encontraram um lugar significativo na esfera da vida familiar (Livingstone, Mascheroni, Ólafsson, & Haddon, 2014). As crianças na contemporaneidade nascem rodeadas de tecnologia e utilizam-na ativamente através de uma variedade de dispositivos, recriando formas de comunicação e lazer, enquanto acedem ao mundo com a ponta dos dedos (Dias & Brito, 2016; Lepičnik-Vodopivec & Samec, 2013).

## **A influência das TIC no funcionamento das famílias**

Decorrente dos rápidos avanços tecnológicos e da inclusão das TIC no contexto familiar, tem-se assistido a mudanças sem precedentes no funcionamento familiar (Carvalho, Francisco, & Relvas, 2015; Hertlein, 2014). Hoje em dia é improvável não se utilizar o telemóvel para avisar um filho de que chegaremos mais tarde ao seu encontro ou abdicarmos de estabelecer contacto com familiares através de videoconferência. Mas, concretamente, que alterações têm as TIC provocado no funcionamento das famílias?

Alguns estudos ressaltam a diminuição do tempo passado em família (Nie, 2001), a probabilidade de maior distanciamento afetivo entre os membros da mesma família (Bran Piedrahita et al., 2016) e a possibilidade de ocorrência de conflitos intergeracionais (Mesch, 2006a,b). Estes conflitos surgem frequentemente face à elevada frequência de utilização da internet para fins de entretenimento pelos filhos (Mesch, 2006a) e ao fenómeno da *cultura de quarto*, onde os filhos se isolam em atividades *online* com amigos (Mesch, 2006a,b), dificultando o exercício da parentalidade, por vezes, sem modelo referencial face às TIC (Plowman, McPake, & Stephen, 2010). Adicionalmente, as TIC são consideradas como facilitadoras da perda de controlo sobre as interações, permeando situações de adição às TIC (Young & Nabuco de Abreu, 2011) e de diluição de limites entre as esferas pública e privada (Mesch, 2006b), não só pela comodidade de hoje se poder trabalhar a partir de casa (Wajcman, Rose, Brown, & Bittman, 2010) mas também pela facilidade com que se publicam dados privados (Livingstone et al., 2014). No seu reverso, dada a facilitação da gestão diária de atividades em tempo real através de múltiplos dispositivos móveis (Devitt & Roker, 2009; Stern & Messer, 2009), as TIC permitem também um aumento do tempo em família, por vezes através da partilha de atividades online (Plowman et al., 2010). Vários estudos têm mesmo demonstrado que as TIC passaram a representar um veículo facilitador na manutenção de relações à distância, onde a família pode tornar-se virtualmente presente e assegurar a identidade familiar (Bacigalupe & Lambe, 2011; Stern & Messer, 2009).

Em suma, introduzidas no contexto familiar, as TIC têm implicado mudanças não só nos estilos de comunicação, na adoção de novas linguagens e na qualidade relacional entre os membros da família, como também têm contribuído para a redefinição de regras, limites e papéis familiares (Carvalho et al., 2015; Hertlein, 2014), podendo mesmo ser consideradas um novo subsistema familiar (Johnson & Pupilampu, 2008). No entanto, os resultados são inconsistentes relativamente à influência que estas provocam no contexto familiar, funcionando como duas faces da moeda, pois, se por um lado são uma janela de oportunidades, por outro expõem crianças e famílias a uma multiplicidade de riscos (Livingstone et al., 2014).

## **Famílias Portuguesas com filhos até aos oito anos e a utilização de TIC**

Desde o nascimento do primeiro filho à sua entrada na escola, a família passa por um conjunto de reorganizações, sobretudo, através da definição de papéis parentais/filiais e do reajustamento de limites do novo sistema familiar face ao exterior (Relvas, 1996). Ora se às novas tarefas que se colocam a estas famílias forem adicionadas as TIC, a equação parece ganhar resultados surpreendentes, pois as famílias com crianças são consideradas mais tecnológicas, encontrando-se mais conectadas do que famílias que não têm filhos (Dias & Brito, 2016; INE, 2017). Pesquisas realizadas recentemente em Portugal revelam que nas residências de crianças dos três aos oito anos há pelo menos um televisor (99%), um telemóvel (92%), um computador portátil (70%) e um tablet (68%), dispostos nos espaços comuns da casa e ao alcance das crianças, fazendo parte das suas rotinas diárias (Ponte, Simões, Batista, Jorge, & Castro, 2017). Estudos revelam que, independentemente do nível socioeconómico (NSE), as famílias têm acesso aos mesmos meios digitais (Dias & Brito, 2016), verificando-se um aumento da qualidade e quantidade destes nas famílias com um NSE mais elevado (Brito, 2017). Outros estudos reportam que crianças de NSE mais elevado utilizam mais internet, enquanto as de condição escolar mais baixa possuem mais aparelhos digitais (Ponte et al., 2017). Entre os pais, 80% são internautas, fazendo o acesso à rede através de casa (96%), ao passo que 38% das crianças até aos oito anos acede à internet, sendo o tablet o dispositivo mais utilizado (63%). Este parece figurar mais como “*babysitter*” (enquanto os adultos estão ocupados com outras tarefas) do que como promotor de atividades de aprendizagem ou de interação familiar (Dias & Brito, 2016; Ponte et al., 2017). Este cenário pode ser permeável à ocorrência de situações problemáticas, como o acesso a conteúdos inadequados para a idade (Livingstone et al., 2014). Estudos recentes revelam que os pais supervisionam mais o comportamento dos filhos em relação ao tempo e aos conteúdos acedidos na televisão, mas relativamente a outras TIC, consideram ser cedo para se preocuparem com perigos *online* (Dias & Brito, 2016) ou revelam uma fragilidade nas suas competências digitais de observação e controlo, receando a possibilidade de estranhos contactarem com os filhos (Ponte et al., 2018). As crianças parecem saber mais sobre meios digitais do que os pais pensam e tendem a explorar os dispositivos sozinhas, sem qualquer treino específico (Plowman et al., 2010). E se por um lado parece assustador, por outro, estes filhos estão a ter a possibilidade de redescobrirem novas capacidades, uma vez que as TIC se revestem de um enorme potencial no desenvolvimento das crianças (Lepičnik-Vodopivec & Samec, 2013; Ponte et al., 2018), promovendo novas formas de aprendizagem, criatividade e comunicação (Brito, 2016).

A investigação relativa à temática da utilização de tecnologias em

contexto familiar tem vindo a aumentar nas últimas décadas, sobretudo com crianças a partir dos nove anos de idade (e.g., EU Kids online) mas os estudos com crianças mais novas e o seu impacto no funcionamento familiar global são ainda reduzidos (Carvalho et al., 2015). Assim, este estudo pretendeu dar resposta às seguintes questões: a) Quais os padrões de utilização das TIC pelos pais de crianças até aos oito anos? b) Como é que os pais de destas crianças percebem o impacto da utilização das TIC no contexto familiar? e c) Qual a relação entre a percepção do impacto das TIC na família e o funcionamento familiar?

## Metodologia

O presente estudo faz parte de uma investigação mais alargada, que pretende avaliar a interação entre a utilização das TIC e a dinâmica familiar, em diferentes etapas do ciclo de vida familiar (Carvalho, Fonseca, Francisco, Bacigalupe, & Relvas, 2016). Os dados foram recolhidos através da plataforma *LimeSurvey* mediante a partilha do *link* de acesso, entre outubro de 2016 e março de 2018, com recurso ao método de bola de neve.

Com o objetivo de avaliar o impacto das TIC no funcionamento de famílias com filhos até aos oito anos, fez-se um recorte da amostra total ( $N = 1326$ ). Assim, a amostra do presente estudo é constituída por 179 indivíduos entre os 23 e os 47 anos de idade ( $M = 35.5$ ;  $DP = 4.8$ ), maioritariamente mães (70%), de nível socioeconómico médio (59%) e residentes nas regiões Centro (42.5%) e Área Metropolitana de Lisboa (34.1%). As famílias dos participantes são maioritariamente famílias nucleares intactas (86.7%) e constituídas por um filho (50%) ou dois (46%). Para além de um questionário de dados sociodemográficos, os participantes responderam a um questionário sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação (QUTIC) e outro sobre o funcionamento familiar (Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation; SCORE-15). O QUTIC (Carvalho, Francisco, Bacigalupe, & Relvas, 2018), baseado num instrumento que avalia a forma como os terapeutas familiares percebem o impacto das TIC nas famílias que acompanham (SEFT; Bacigalupe, Camara & Buffardi, 2014), pretende caracterizar o padrão de utilização das TIC pelo respondente (tipo de TIC utilizadas, frequência, finalidade e contexto do seu uso), bem como avaliar a percepção individual do impacto das TIC no contexto familiar e das situações problemáticas vivenciadas no contexto familiar decorrentes do seu uso. O SCORE-15 (Stratton, Bland, Janes, & Lask, 2010; versão portuguesa de Vilaça, Sousa, Statton, & Relvas, 2014) avalia diversos aspetos do funcionamento familiar (forma como as interações familiares são vivenciadas) sensíveis à mudança terapêutica, através das dimensões da Comunicação (padrão comunicacional estabelecido), Dificuldades (fragilidades que a família possui) e Recursos Familiares (capacidades para se adaptar a novas circunstâncias e gerir dificuldades quotidianas).

## Resultados e Discussão

### Padrão de utilização das TIC pelos pais de crianças até aos oito anos

Segundo os dados da pesquisa, as atuais famílias Portuguesas com filhos até aos oito anos de idade que integram a amostra são claramente famílias digitais, vivendo rodeadas de tecnologia. Conforme ilustra a Figura 1, cerca de 90% dos pais e mães de crianças até aos oito anos utiliza diariamente uma grande diversidade de TIC (internet, email, redes sociais, computador portátil e smartphone), sendo a internet utilizada praticamente pela totalidade dos participantes. Apesar de o tablet ser identificado por alguns autores como o dispositivo mais utilizado por crianças até aos oito anos (Dias & Brito, 2016), não consta na lista das cinco TIC mais utilizadas pelos pais do nosso estudo, remetendo para a possibilidade deste ser efetivamente utilizado como “babysitter” e estar a ser escamoteado o seu potencial de interação familiar (Dias & Brito, 2016).

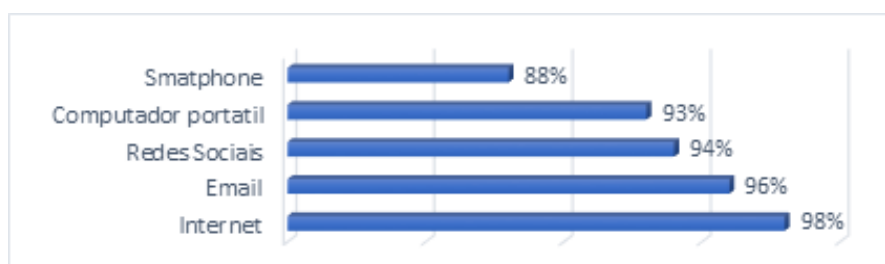


Figura 1. Percentagem das principais TIC utilizadas pelos pais.

A caracterização da utilização média das TIC mais utilizadas por estas famílias encontra-se na Tabela 1, considerando o tempo de utilização, o contexto e a finalidade.

Tabela 1

*Utilização média de TIC em função da frequência, contexto e finalidade*

TIC	Frequência diária	Contexto	Finalidade
Internet	1-3h	sala	informação
Email	1-3h	sala	profissional
Redes sociais	30-60min	sala	entretenimento
Computador portátil	3-6h	sala	profissional
Smartphone	1-3h	mobilidade	comunicação e entretenimento

Nota. h = horas; min = minutos.

Excetuando o smartphone, que é sobretudo utilizado em contexto de mobilidade, a sala surge como o denominador comum da utilização das principais TIC. O computador portátil e o email são ambos acedidos na sala com fins profissionais e/ou académicos. A possibilidade de se trabalhar a partir de casa talvez possa explicar, em parte, a elevada frequência (47%) de problemas de ausência de limites entre a vida familiar e profissional que as famílias desta amostra assinalam (Stevenson, 2011; Wajcman et al., 2010).

### Impacto das TIC no contexto familiar

Conforme mostra a Figura 2, as TIC são percecionadas por estas famílias como responsáveis pela *redução do tempo passado em família* (67.1%). A literatura científica aponta a diminuição deste tempo (Nie, 2001) quando as atividades *online* não são partilhadas entre os membros da família e o tempo despendido com estas não se reverte noutra atividade. Assim, e dado que a maioria das TIC é utilizada na sala, podemos estar perante famílias reunidas presencialmente, virtualmente ligadas com elementos, geograficamente distantes mas desconectados uns dos outros na mesma casa. Simultaneamente, as TIC são percecionadas como um veículo *facilitador das mudanças ao longo do tempo* (71.7%) e *das relações entre gerações* (58.9%). Parece reforçar-se a ideia de que o computador se tornou o novo álbum de família quando crianças crescem ao lado de fotografias suas partilhadas em redes sociais (Ponte et al., 2017). Ressalta-se ainda que as TIC parecem contribuir para o fortalecimento dos laços familiares, especialmente, nas relações à distância (Bacigalupe & Lambe, 2011; Stern & Messer, 2009).

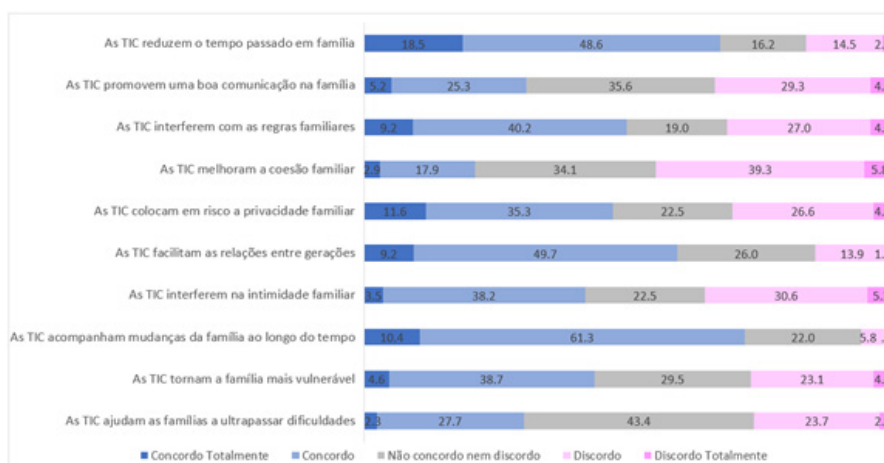


Figura 2. Perceção do impacto das TIC no contexto familiar.

De acordo com a tabela 3, reproduzida abaixo, o *contacto e troca de informações com pessoas estranhas por parte dos menores* é o problema mais reportado e que parece ser revelador do nível de consciência e do receio que esses pais têm dos riscos a que as TIC os expõem (Livingstone et al., 2014; Ponte et al., 2018). As *discussões sobre o tempo de utilização das TIC* e a possibilidade de ocorrência de situações de *dependência da internet, dos videojogos ou do telemóvel*, são dois perigos interligados e que podem ser apontados em duas direções. Não só o tempo excessivo e o risco de adição às TIC (Young & Nabuco de Abreu, 2011) por parte dos filhos podem desencadear respostas emocionais disruptivas nestes (Ponte et al., 2017) e, conseqüentemente, despoletar conflitos intergeracionais (Mesch, 2006a), como os pais que apresentam estas condutas podem condicionar a qualidade relacional com os filhos e revelar-lhes um modelo parental desadequado ao seu desenvolvimento (Bran Piedrahita et al., 2016). Em contraponto, a grande maioria destas famílias aponta que as TIC são essencialmente utilizadas para o *contacto com familiares distantes* (91%), permitindo-lhes assegurar a identidade familiar através da presença virtual (Bacigalupe & Lambe, 2011), e para a *gestão das atividades quotidianas* (83%) (Devitt & Roker, 2009; Stern & Messer, 2009), o que evidencia o impacto positivo que as TIC têm nestes contextos familiares.

Tabela 3

*Principais problemas assinalados com o uso das TIC*

Problemas	%
Contacto e troca de informações com pessoas estranhas por parte dos menores	75
Discussões sobre o tempo de utilização das TIC	67
Falta de limites entre a vida familiar e profissional/académica-escolar	47
Dependência da internet, dos videojogos ou do telemóvel	37
Acesso a conteúdos desadequados à idade (ex., violentos, pornografia) pelos menores	24
Crianças isoladas nos seus quartos a utilizar as TIC	16
Existência de problemas de saúde física por utilização das TIC (ex., lesões)	14
Infidelidade online	6

### Relação entre percepção do impacto das TIC na família, problemas associados ao seu uso e funcionamento familiar

A Tabela 4 apresenta os resultados da análise de correlações entre a variável sociodemográfica (NSE), o número de TIC utilizadas, o número de problemas identificados e os resultados da escala de funcionamento familiar (resultado global e dimensões: recursos, comunicação e dificuldades).

Tabela 4  
Correlações entre as principais variáveis

	Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1.	NSE	-						
2.	TIC	.200**	-					
3.	Problemas	.015	.072	-				
4.	Recursos	.036	-.041	.360**	-			
5.	Comunicação	-.222**	-.124	.248**	.427**	-		
6.	Dificuldades	-.249**	-.191*	.220**	.460**	.795**	-	
7.	F. Familiar	-.184*	-.142	.318**	.716**	.897**	.903**	-

Nota. NSE = Nível socioeconómico; TIC = Número de TIC utilizadas; Problemas = Número de problemas; Recursos = dimensão recursos; Comunicação = dimensão comunicação; Dificuldades = dimensão dificuldades; F. Familiar = funcionamento familiar global. \* $p < .05$ , \*\*  $p < .01$

O elevado número de tecnologias que cada família possui e utiliza parece estar diretamente relacionado com o NSE, o que corrobora em parte a literatura (Brito, 2017). O NSE parece ainda estar associado a melhores níveis de comunicação e a menores dificuldades no funcionamento das famílias, talvez face ao maior número de dispositivos disponíveis e aos benefícios que as famílias retiram da sua utilização (Devitt & Roker, 2009; Stern & Messer, 2009).

Ao maior número de problemas relacionados com o uso das TIC associa-se um pior funcionamento familiar. Em particular, os problemas relacionam-se com níveis mais disfuncionais de comunicação, com percepção de maior sobrecarga de dificuldades e menos recursos para fazer face às mesmas. Dado que a situação problemática mais assinalada é a possibilidade de estranhos contactarem com os filhos e que, adicionalmente, alguns destes pais carecem de um modelo de parentalidade face às TIC (Plowman et al., 2010), é perceptível como esta realidade pode causar flutuações consideráveis no funcionamento destas famílias (e.g., conflitos intergeracionais) (Mesch, 2006b).

## Conclusão

Mais do que um cenário tendencialmente pessimista que a literatura científica tende a ilustrar sobre a influência das TIC no funcionamento das famílias (Bacigalupe et al., 2014), os resultados do presente estudo parecem apontar para um jogo dinâmico e integrador de forças positivas e negativas nesta interação, às quais as famílias se vão adaptando e funcionando de forma eficaz.

A rapidez com que a tecnologia avança, a par da precocidade com que as crianças começam a manusear dispositivos digitais, impõe que os pais tenham consciência desta realidade e que se atualizem para poderem acompanhar os filhos nesta utilização, de forma a que estes obtenham um nível de familiaridade para as utilizar de forma responsável, independente (Plowman et al., 2010) e com um propósito na sua vida (Dias & Brito, 2016; Lepičnik-Vodopivec & Samec, 2013). Neste sentido, é importante que os pais utilizem conjuntamente com os filhos dispositivos como o tablet, fomentando o seu potencial de aprendizagem e interação, mantendo um canal de comunicação com os filhos, privilegiando o conhecimento das atividades que estes encetam *online* e os encorajem a falarem sobre problemas que encontrem. Assim, é fundamental que optem pela negociação de regras e limites familiares face à utilização das TIC, em alternativa a medidas puramente restritivas (Livingstone et al., 2014; Ponte et al., 2018).

Por último, sendo esta etapa do ciclo vital caracterizada pela abertura ao exterior, a comunicação escola-família pode também ter aqui um papel relevante na promoção de uma utilização efetiva, segura e responsável das TIC pelas crianças (Dias & Brito, 2016), sustentada a montante por uma agenda de informação e formação parental em competências digitais (Livingstone et al., 2014; Ponte, 2018), que deveria ser uma prioridade na definição de políticas nacionais.

## Referências

Bacigalupe, G., Camara, M., & Buffardi, L. E. (2014). Technology in families and the clinical encounter: Results of a cross-national survey. *Journal of Family Therapy*, 36(4), 339-358. doi:10.1111/1467-6427.12042

Bacigalupe, G., & Lambe, S. (2011). Virtualizing intimacy: Information communication technologies and transnational families in therapy. *Family Process*, 50(1), 12-26. doi:10.1111/j.1545-5300.2010.01343.x

Bran Piedrahita, L., Romero Ruíz, K., Echeverri Sánchez, L., Peña Plata, J., Vásquez Giraldo, S., Aguilera Cardona, M., ... Valencia Arias, A. (2016). Information and communication technologies influence on family relationship. *Global Journal of Health Science*, 9(6), 204-213. doi:10.5539/gjhs.v9n6p204

Brito, R. (2017). *Família.com Famílias, crianças (0-6) e tecnologias digitais*. Covilhã: LabCom.IFP, Edições.

Carvalho, J., Fonseca, G., Francisco, R., Bacigalupe, G., & Relvas, A. P. (2016). Information and communication technologies and family: Patterns of use, life cycle and family dynamics. *Journal of Psychology and Psychotherapy*, 6(1), 240. doi:10.4172/2161-0487.1000240

Carvalho, J., Francisco, R., Bacigalupe, G., & Relvas, A. P. (2018). *Questionário de utilização das tecnologias de informação e da comunicação* (versão para investigação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2015). Family functioning and information and communication technologies: How do they relate? A literature review. *Computers in Human Behavior*, 45, 99-108. doi:10.1016/j.chb.2014.11.037

Devitt, K., & Roker, D. (2009). The role of mobile phones in family communication. *Children & Society*, 23, 189-202. doi:10.1111/j.1099-0860.2008.00166.x

Dias, P., & Brito, R. (2016). *Crianças (0 aos 8 anos) e tecnologias digitais*. Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. Retirado de [http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/Book\\_Criancas\\_e\\_Tecnologias\\_Digitais.pdf](http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/Book_Criancas_e_Tecnologias_Digitais.pdf)

Hertlein, K. M. (2014). *Digital dwelling : Technology in couple and family relationships*, 61, 374–387. doi:10.1111/j.1741-3729.2012.00702.x

INE (2010). Informação estatística. Retirado de [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=281439920&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=281439920&DESTAQUESmodo=2)

Johnson, G. M., & Puplampu, K. P. (2008). Internet use during childhood and the ecological techno-subsystem. *Canadian Journal of Learning and Technology*, 34(1), 19-28. doi:10.21432/T2CP4T

Lepičnik-Vodopivec, J. & Samec, P. (2013). The presence of information communication technology in the four year old children's home environment. *International Journal of Arts and Commerce*, 2(11), 41-46.

Livingstone, S., Mascheroni, G., Ólafsson, K., & Haddon, L. (2014). *Children's online risks and opportunities: Comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile*. Retirado de [http://eprints.lse.ac.uk/60513/1/\\_lse.ac.uk\\_storage\\_LIBRARY\\_Secondary\\_libfile\\_shared\\_repository\\_Content\\_EU\\_Kids\\_Online\\_EU\\_Kids\\_Online-Children%27s\\_online\\_risks\\_2014.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/60513/1/_lse.ac.uk_storage_LIBRARY_Secondary_libfile_shared_repository_Content_EU_Kids_Online_EU_Kids_Online-Children%27s_online_risks_2014.pdf)

Mesch, G. S. (2006a). Family characteristics and intergenerational conflicts over the Internet. *Information, Communication & Society*, 9(4), 473-495. doi:10.1080/13691180600858705

Mesch, G. S. (2006b). Family relations and the internet: Exploring a family boundaries approach. *Journal of Family Communication*, 6(2), 119–138. doi:10.1207/s15327698jfc0602\_2

Nie, N. H. (2001). Sociability, interpersonal relations, and the internet. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 420–435. doi:10.1177/00027640121957277

Plowman, L., McPake, J., & Stephen, C. (2010). The technologisation of childhood? Young children and technology in the home. *Children and Society*, 24(1), 63–74. doi:10.1111/j.1099-0860.2008.00180.x

Ponte, C., Simões, J., Batista, S., Castro, T., & Jorge, A. (2017). *Crescendo entre ecrãs: Usos dos média por crianças (3-8 Anos)* - Relatório final. ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Retirado de <https://www.internetsegura.pt/sites/default/files/crescendo-entre-ecras.pdf>

Ponte, C., Jorge, A., Almeida, A.N., Basílio, A., Zaman, B., Simões, J.A., ... Ramos, V. (2018). *Crianças (3-8 anos) e ecrãs*. ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Retirado de <http://www.erc.pt/documentos/Boomdigital/mobile/index.html#p=1>

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspetiva sistémica*. Porto: Afrontamento.

Stern, M. J., & Messer, C. (2009). How family members stay in touch: A quantitative investigation of core family networks. *Marriage and Family Review, 45*(7-8), 654–676. doi:10.1080/01494920903224236

Stevenson, O. (2011). From public policy to family practices: Researching the everyday realities of families' technology use at home. *Journal of Computer Assisted Learning, 27*(4), 336-346. doi:10.1111/j.1365-2729.2011.00430.x

Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: the SCORE. *Journal of Family Therapy, 32*, 232-258. doi:10.1111/j.1467-6427.2010.00507.x

Vilaça, M., Sousa, B., Stratton, P., & Relvas, A. P. (2015). The 15-item systemic clinical outcome and routine evaluation (SCORE-15) scale: Portuguese validation studies. *The Spanish Journal of Psychology, 18*, 1-10. doi: 10.1017/sjp.2015.95.

Wajcman, J., Rose, E., Brown, J. E., & Bittman, M. (2010). Enacting virtual connections between work and home. *Journal of Sociology, 46*(3), 257–275. doi:10.1177/1440783310365583

Young, K. S., & Nabuco de Abreu, C. (2011). *Internet addiction: A handbook and guide to evaluation and treatment*. Canada: Wiley & Sons.